

**O TEMPO E OS OUTROS: CASCUDO ENTRE LABIRINTOS DA MEMÓRIA****Alexandre Alves (UFRN / UERN)**

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo principal uma breve análise textual sobre a obra *O tempo e eu: confidências e proposições*, de autoria do norte-riograndense Luís da Câmara Cascudo e cuja primeira edição data de 1968, sendo o exemplar aqui estudado a partir da reimpressão da obra ocorrida em 2008. O livro em questão está dividido em quatro capítulos, respectivamente “No rastro das velhas imagens”, “A lição do cotidiano”, “Compensações e mistérios” e “Aula de bichos”. Cada uma destas partes, interiormente, está também subdividida em partes menores, sendo as duas primeiras as mais relevantes, já que contêm o maior número delas, ordenadas em algarismos romanos. O intuito da análise é o de tratar, ao longo das páginas consideradas como essenciais na obra, dos questionamentos que circundam a área da narrativa de fórum íntimo e de suas peculiaridades enquanto forma de expressão da Literatura.

**Palavras-chave:** Câmara Cascudo, memória, tempo, autobiografia.

**ABSTRACT:** This work has the main goal to make a condensed textual analysis about the book *O tempo e eu: confidências e proposições*, written by Luís da Câmara Cascudo, which its first edition was released originally in 1968. The edition studied on this essay is the book re-edition occurred in 2008. The book involved in this study is divided in four chapters, respectively, “No rastro das velhas imagens”, “A lição do cotidiano”, “Compensações e mistérios”, and “Aula de bichos”. Each one of these chapters, internally, is also subdivided in smaller excerpts, being the most relevant on the work these two initial parts, containing the most of these excerpts, ordered under Roman numerals. Our objective is to analyze the pages considered as essential to the comprehension of the book and to include the questions around the area of the intimate forum narrative and its peculiarities as literary expression.

**Key-words:** Câmara Cascudo, memory, time, autobiography.

## I. Na reminiscência, espelho da memória cascudiana

Confidência. [Do latim *confidentia*.] S.f. 1. Informação ou revelação secreta. 2. Confiança na discrição e lealdade de alguém.

Proposição. [Do latim *propositione*.] S.f. 1. Ato ou efeito de propor. 2. Aquilo que se propõe; proposta. 3. Expressão verbal de um juízo; asserção, asseveração. 4. Máxima, sentença.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*.

De acordo com as próprias palavras de Luís da Câmara Cascudo, afirmadas no curto prefácio da obra *O tempo e eu*, o livro em questão seria “[...] a história de todas as criaturas humanas. Tempo-cronologia e tempo-dimensão, nos encontros sucessivos com pessoas e coisas, pensamentos e paisagens, idos e vividos, como diria Machado de Assis. [...] Reminiscências dos outros” (CASCUDO, 2008, p. 31)<sup>1</sup>. Exposta sua válida asserção, o texto do livro possui uma divisão quaternária na qual os títulos são, sequencialmente, “No rastro das velhas imagens”, “A lição do cotidiano”, “Compensações e mistérios” e, por último, “Aula de bichos”, sendo as duas partes iniciais de maior interesse quanto aos propósitos aqui sugeridos, os de justamente observar os próprios desdobramentos que a literatura envolvendo uma “narrativa de vida” poderia encontrar, ou mesmo até se contradizer, em sua construção enquanto texto, enquanto forma de expressão da Literatura.

Talvez o que esteja contido em *O tempo e eu*, em sua maior parte, seja um processo – fragmentado e fragmentário por natureza – pensado por Câmara Cascudo no intuito de capturar o que ele tenha julgado como “reminiscência” ao longo de seus setenta anos de vida, naquele instante de feitura da obra. Uma das dedicatórias presentes não deixa por enganar os humildes objetivos do autor (“Para Daliana, Newton Filho, Eduardo Luís recordarem o avô quando este tiver viajado para sempre...”) e assim, neste sentido, a situação presente é capaz de se assemelhar à do renomado historiador de literatura e filólogo russo Mikhail Bakhtin, que condiciona a essência da autoria memorial ao afirmar que:

---

<sup>1</sup> A partir de agora, todos os trechos citados, de autoria de Luís da Câmara Cascudo e extraídos da edição de 2008 de *O tempo e eu*, serão acrescidos apenas de números de páginas.

[...] o conteúdo de uma obra é como que um fragmento de acontecimento único e aberto da existência, isolado e libertado pela forma, da responsabilidade ante o acontecimento futuro e, portanto, tranqüilo, autônomo, acabado no seu todo, tendo absorvido a natureza isolada na sua tranqüilidade e na sua auto-suficiência [...]. (BAKHTIN, 1988, p. 60)

Ou seja, a reminiscência presa na mente agora se encontraria (re)capturada entre os laços da escrita, condição para que a experiência venha a se tornar narrativa que envolve não apenas um “Eu”, mas igualmente os outros, exibidos a partir da multiplicidade natural inerente à obra. Com a primeira parte contabilizando 104 trechos – sendo várias delas de nítido viés biográfico, em que os pronomes “meu” e “minha” surgem em quase duas dezenas de subtítulos – e a segunda com 57 divisões, nota-se que em ambas todos os trechos variam de extensão, indo desde uma linha de texto até quatro páginas.

Novamente no prefácio, Cascudo declara que as histórias colocadas dali por diante se valerão exclusivamente daquilo tido como reminiscências, pois o material “[...] utilizado nessa viagem, foi aparecendo num percurso de setenta anos, *O Tempo e Eu*, andando juntos, inseparáveis, vendo a vida passar com suas multidões” (p. 32). Entretanto, como homem de múltipla capacidade intelectual, etnógrafo, historiador, estudioso da cultura, do folclore e da literatura, Cascudo propositalmente planejou um texto cuja base tem por única intenção, em meio a uma leve caotização cronológica dos episódios envolvidos, narrar sua vida e a de inúmeros personagens humanos que a memória conseguiu guardar em uma dimensão na qual o tempo, na verdade, não existe como o conhecemos. Trata-se de um híbrido passado-presente tornado escritura.

No título da sequência inaugural da obra, “No rastro das velhas imagens”, parece estar contido em seu traçado uma visível aura autobiográfica desde suas primeiras linhas, quando o narrador em primeira pessoa fala onde nasceu, como era sua casa, quem foi sua parteira, entre outras informações que somente uma confiança – assim fica nítida a alusão ao subtítulo da obra – poderia propor. O salto na memória adquire ares veementemente literários quando o autor confidente se põe a narrar fatos anteriores ao próprio nascimento, logo na parte I, como o caso em que seu pai “[...] era tenente do batalhão de segurança [...]. Passando, aflito, pelo corredor, ouviu meu choro e perguntou: – Homem ou mulher? – Ele veste calças, respondeu Mãe Bernardina” (p. 39). Os personagens e acontecimentos se sucedem na escritura de Cascudo, detalhando com precisão as datas e, quando isto não se faz possível, ano de nascimento e

falecimento das pessoas são citadas quase *ad infinitum*, fato este que chega a impressionar o leitor pela enorme quantidade e exatidão intrínseca aos fatos, aproximando-se assim também, por semelhança, ao trabalho extenuante e aventuroso de um pesquisador.

Já a descrição minuciosa e plenamente adjetivante das figuras humanas clamam por atenção desde o começo. O pai, Francisco Cascudo – ou Coronel Cascudo, como assim era conhecido –, foi descrito como “[...] Alto, robusto, de proporções harmoniosas quando moço, pele clara e fina, fisionomia tranqüila de energia e mando, avivada pelo fulgor imperioso de olhos azuis [...]” (parte III, p. 45), enquanto a mãe, Ana da Câmara Cascudo, foi apresentada como “[...] cumprindo a missão humilde, modesta, recatada, das velhas damas de outrora. [...] pequenina, gorda, pés e mãos minúsculos, olhos verdes, facilmente irritável e mansa [...]” (parte V, p. 47-48). Nesta dupla familiar se encontram dois pequenos exemplos da fluidez e clareza da matéria humana descrita, com a narrativa se fazendo sincronicamente a cada um dos citados, edificando uma órbita firme de intercalações na qual o sujeito narrador parece periférico, visto as particularidades das histórias em si.

Ao lado destas descrições, Luís da Câmara Cascudo também passa a ser um digno contador de histórias, com a narrativa adquirindo uma forma de relato, de quase conversa (leitura) com um ouvinte (leitor) imaginário, prestes a observar atentamente o dizer nada “fabulário” de um narrador propenso a conduzir personagens em meio a histórias verídicas, a lugares e situações que indubitavelmente retratam épocas e costumes em estilo machadiano – como o autor mesmo avisou ainda no prefácio –, criando um acesso atemporal e unicamente mantido pela memória, esta presa e liberta ao mesmo tempo em um “Eu” espelhado nos outros, na influência e participação ativa que estes tiveram com o narrador Cascudo. Uma vida cercada de muitas outras vidas.

As primeiras subdivisões deste capítulo inicial até o trecho de número XIV (p. 60) são basicamente biográficas, com o autor narrando, além do nascimento e parentes, os poucos amigos, as mudanças de endereço, os professores, as escolas, a infância, pessoas anônimas, ilustres norte-rio-grandenses – caso dos políticos Senador Pedro Velho e Juvenal Lamartine, além do poeta Henrique Castriciano – e outros renomados brasileiros (Ruy Barbosa e Graciliano Ramos entre eles), todos sendo expostos continuamente, como um enredo bem tramado e relacionando no texto uma contextualização temporal e histórica sequencial, entretanto fragmentada, partida. Aludindo novamente ao subtítulo, estas seriam velhas imagens lembradas com frescor

e rastreadas por uma memória consolidada entre episódios pessoais e pela narrativa sobre os outros, agora tornada a de Cascudo.

No outro prefácio da obra, Francisco Ivo Cavalcanti, um dos ex-professores de Cascudo, comenta sobre o processo de estrutura da obra, determinando uma macro divisão e intenções narrativas singulares:

O incansável pesquisador histórico Luís da Câmara Cascudo, escrevendo *O tempo e eu*, traçou sua autobiografia direta e indireta. A primeira, começando por seus pais, seu nascimento, sua formação física, moral e intelectual; a segunda é o estudo de sua pessoa, através de seu convívio com outras pessoas, mesmo em lugares em que recebeu o seu primeiro sopro de vida. É uma modalidade nova por ele encontrada para narrar a sua formação humana e a intensidade de sua atividade intelectual e turística [...]. (p. 21-22)

Talvez fosse realmente a intenção de Cascudo fazer do livro em questão a sua (auto)biografia, contudo, há cortes e desvios evidentes, intencionais ou não, ocorridos já a partir desta primeira sequência, ou seja, já no início da obra Cascudo termina por se distanciar do rótulo autobiográfico esperado como padrão, citando pensamentos, frases e pessoas de tal modo que se torna perceptível um desprendimento puramente sequencial. Surgem outras impressões na escrita que, possivelmente, deixam antever um corte brusco na proporção do desaparecimento de uma narrativa íntima, fazendo notar de um determinado instante em diante um amálgama de variações entre o biográfico, o histórico e o puramente literário, no sentido vocabular da narrativa em si.

## II. (Re) Cortes: o tempo, os outros, o cotidiano

Tenho mais recordações que se tivesse mil anos

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*.

Na explanação sobre um dos meios específicos que somente a literatura teria em meio à crise da linguagem observada na segunda metade do século XX, em sua obra *Seis propostas para o próximo milênio*, o escritor e crítico italiano Italo Calvino expõe que procurava, no seu fazer literário, “[...] alcançar uma sintonia entre o espetáculo movimentado do mundo, ora dramático ora grotesco, e o ritmo interior picaresco e aventuroso que me levava a escrever” (CALVINO, 2000, p. 16). Talvez caiba nesta mesma situação *O tempo e eu*, na medida em que o livro sugere ser percebido como um

diálogo entre aquele Eu de Cascudo e todo um mundo exterior interferente à narrativa, esta sempre (re)cortada pelo que as reminiscências deixaram por (sobre)viver ante a passagem dos dias.

Ainda no prefácio, Cascudo indica algumas prioridades na escrita da obra, declarando que pensou em uma lógica narrativa diferente e que colocou “[...] de lado o pormenor das viagens, acolhimento dos 'famosos', convívio dos 'grandes', distinções recebidas, visitas carinhosas, relação dos trabalhos. Esses passos deixam rastro na areia [...]. As coisas simples são verídicas [...]” (p. 32).

Justamente seguindo o pensamento cascudiano aqui exposto, existe uma alternância de passagens autobiográficas, trechos episódicos – um lugar, personagens, uma trama –, narrativas envolvendo figuras relevantes do Rio Grande do Norte no século XX se fazem presentes, assim como citações de ilustres escritores estrangeiros, caso dos franceses Montaigne (1533-1592) e Anatole France (1844-1924), do britânico William Shakespeare (1564-1616) e do alemão Goethe (1749-1832), fazendo com que o texto apareça como uma multicomposição mnemônica de um extremo conhecedor das vicissitudes do lugar no qual morava, suas pessoas e profissões, suas histórias e imagens ao longo da convivência com elas, do mesmo modo em que menciona e cita outros personagens distantes ou relacionados à realidade local de algum modo.

O ponto de vista, mesmo que aparentemente e despropositalmente caótico, emerge entrelaçado a partir dos títulos dessa primeira parte da obra, que proporciona uma focalização das lembranças mais antigas de Luís da Câmara Cascudo, erguendo recortes memoriais instantaneamente transpostos na escrita, esta ligada a um cotidiano muito bem apreendido por ele, capturando instantes fugidios que terminam por defini-lo como hábil observador.

Na segunda sequência do livro, de nome “A lição do cotidiano”, já aparecem novos ângulos e formas de escrita, desta vez com uma tipologia aproximada à da crônica e toda sua sorte de observações sobre o prosaico, além de certa apreciação artística, como no trecho XVII, no qual o autor proclama que o romance:

[...] é uma paisagem humanizada pelos diálogos. Machado de Assis ou Marcel Proust fizeram confidências psicológicas, analisando a poeira banal aos olhos comuns, constituída pelos palpantes infusórios dotados de uma personalidade biológica [...]. A finalidade natural do romance, como sua prova etimológica, é traduzir o cotidiano despercebido na velocidade da vida social. (p. 177).

Ou quando o narrador insiste na criação de micro labirintos entre um excerto e o seguinte a ele, no caso a parte II de “A lição do cotidiano”, montando subterfúgios que enlaçam, por exemplo, uma breve divagação sobre o destino a partir de uma recordação de uma viagem de retorno da Paraíba. Em uma fria noite de junho escrita no tempo presente e instalada sob o manto da voz e imagem de uma menina, o narrador (re)lembra que, ao ter falado uma simples frase ao lado do automóvel em pleno movimento em que ele estava, suscita no pensativo Cascudo todo um leque de observações e possibilidades sobre o desejo humano e suas (in)consequências, aproximando-se ao máximo, praticamente, de uma perspectiva literária. Uma trama, personagens, tempo e espaço, um narrador extasiado pela indagação, criando um texto atemporal sobre o destino das pessoas e da imprevisibilidade do futuro perante um cotidiano presentificado:

“[...] As chuvas de véspera e de hoje, furiosas e rápidas, enrugam a rodovia. [...] com o rádio ligado, inútil à minha surdez que apenas percebe a vaga sonoridade das vozes e das músicas longínquas. Aproximamo-nos de Guarabira. Dentro da penumbra, vencendo o mato, denso e negro, surgem casinhas de taipa [...]. No talude, vejo indistinto e confuso, um grupo de meninas e mocinhas. Sobe uma voz clara, nítida, decisiva, voz de menina-moça: – Me leva!  
A máquina silenciosa resplandecente, derramando melodias, provoca o apelo incontido da emigração psicológica, evasão à estática da paisagem melancólica, à previsão de vida futura, laboriosa e banal. Nenhum acento erótico mas a curiosidade emocional da fuga à realidade monótona, ao inevitável ritmo cotidiano. [...] sem a imagem da travessia misteriosa, sonhava com a volúpia libertadora do vôo irresistível... [...] (p. 161-162).

Neste segundo bloco de textos, como no exemplo supracitado, o que se percebe é que o aspecto da crônica surge mais nítido, com as partes incluindo temas tão díspares como cinema, poesia, política, retórica, trocadilhos, concursos literários, viagens, entre outros. Entretanto, ainda assim a narrativa aparece sob uma aparente égide de cunho biográfico, com um Eu emergindo de forma peremptória, como se exigisse sua própria presença ou, ao menos, um compartilhamento de importância igualitária, mesmo que consciente disto ou não. As múltiplas vozes de Cascudo acabam por gerar contornos de leitura nada usuais de acordo com o padrão tido como tradicional de (auto)biografia.

Para BAKHTIN (1988), os conceitos de biografia e autobiografia devem revelar uma relação entre homem e sociedade, aliás, sendo definidas justamente na publicação dos relatos que unem o humano e o social, esclarecendo as facetas de uma determinada

época na qual se define algo a respeito delas. Na nítida confluência de formas narrativas – o relato biográfico, a crônica, a crítica, a narrativa literária em si – presentes em *O tempo e eu*, Cascudo pareceu erguer um multifacetado texto no qual aquilo que aparenta ser tido como comum, ordinário, cotidiano, fosse tornado uma inabalável fonte de recursos narrativos, e o tempo (junto do olhar e perspectiva do narrador) se torna um quadro em firme movimento.

### III. Labirinto (d)e memórias

To-morrow, and to-morrow, and to-morrow,  
Creeps in this petty  
To the last syllable of recorded time [...]

SHAKESPEARE, William. *Macbeth*.

Um detalhe digno de observação acontece já desde o sumário, quando Cascudo nomeia todos os trechos dos quatro capítulos de *O tempo e eu*, explicitando nesses títulos um certo grau de ligação entre o que poderia ser tido como as proposições (os quatro capítulos da obra) e as confidências, que seriam cada uma das subdivisões encontradas na repartição quaternária do livro. Sob uma perspectiva moderna, a literatura possuiria funções que tem "[...] a ver com a clareza e vigor de todo e qualquer pensamento e opinião. Tem a ver como a manutenção da própria limpeza dos instrumentos, com a higidez da própria matéria do pensamento em si [...]" (POUND, 1991, p. 33).

De acordo com esta assertiva, a legitimidade do texto de Luís da Câmara Cascudo investiga primeiramente o lado introspectivo – a sua formação como ser humano –, que aparece junto de inúmeras circunstâncias que envolvem pessoas próximas, para somente depois observar, sentir e ver o mundo, seja o dele, o dos outros ou o puramente imaginário, conectando-os em rapidez quase automática ou em instantes que exigem respiração e detalhamento de força concomitantemente literária.

Nos labirintos da memória de Cascudo, as datações temporais ocorridas constantemente ao longo da primeira parte do livro desaparecem na maior parte da segunda sequência em *O tempo e eu*, uma característica que expõe uma visível diferença entre as partes de vital importância na obra. O que ocorre em “No rastro das velhas



imagens” – detalhamento das datas, descrição dos personagens e das histórias em si – surge simplesmente esquecido nas partes de “A lição do cotidiano”, que transmite em sua estrutura mais uma ideia de momentânea vivacidade, com vários trechos narrados em tempo presente, do que contraposições em que o passado seja um elemento matriz.

Ele até aparece, porém sua missão emerge mais pela ânsia da narrativa dos fatos do que pela necessidade inabalada evidente na primeira sequência textual do livro. A própria aparição de trechos denunciados como possíveis crônicas, pelo menos em forma, vem a atestar a constância de um tempo ao invés de outro, embora vários pequenos enredos alcançando uma confluência temporal existam e se façam válidos quanto à coerência do texto cascudiano e de seu alcance enquanto obra destinada a relatar o tempo.

Uma perceptível amostra desta emblemática situação é a passagem de número IV existente em “A lição do cotidiano”, quando tempo, personagens e objeto temático daquele breve discurso, aparentemente banal, encontram de uma vez só o intuito que Luís da Câmara Cascudo parecia querer entregar com a feitura de *O tempo e eu*. O trecho marca seu começo com um episódio envolvendo o deputado Eloy de Souza, que há mais de sessenta anos havia trazido um objeto que teria várias utilizações diferentes na família do narrador no futuro. A narrativa surge como uma espécie de digressão ao mesmo tempo em que revela costumes de épocas bem diversas a partir do mesmo objeto retratado:

[...] trouxe do Egito uma bengala de cana da Índia para meu pai. [Eloy de Souza] Comprara-a no Cairo [...]. Acompanhou muitos anos a meu pai, completando a elegância do brim branco e do chapéu do Chile [...]. Depois, recolheu-a a um armário, inútil e vistosa [...]. Para ele, a bengala não significaria adorno ou fútil atributo de falso apoio, mas valeria um auxílio, uma companhia, uma arma para a defesa pessoal. Voltou a usar a bengala sólida de jucá, capaz de derrubar um homem num golpe. [...] Quando me fiz rapaz, a bengala veio para mim, flamante e nova. Fui para o Rio de Janeiro com ela. Fez sucesso [...], examinada, elogiada, invejada. Monteiro Lobato notou-a no São Paulo de 1922 [...]. O tempo passou. A bengala voltou ao seu arquivo doméstico."[...] Casei. Vieram filhos. A bengala foi cavalo de corridas, haste de bandeira, poste de casa de bonecas. Há dias fui procurar o volume de Momsen na coleção Nobel [...] guardado numa estante especial na salinha de entrada. Foi uma surpresa deparar a velha bengala de bambu, intacta e bonita [...]. Fiquei olhando-a como a um motivo de lembranças em série: – Eloy de Souza, meu pai, eu, meu filho Fernando Luís, minha filha Ana Maria, numa sucessão de utilidades graciosas e reais. [...] Agora meu neto chora sem razão. Os dentes nascem. Bato com a bengala no soalho, despertando-lhe

atenção. Sorri, estendendo os bracinhos de dois anos. A bengala voltou à servidão jubilosa. (p. 163-164).

Parece estar nesta soma fragmentada a partir da chegada de um objeto em uso entre distâncias temporais – um paradoxo moderno de causas circunstanciais, o passado se tornando presente – justamente o raio de exploração singular da escrita cascudiana em *O tempo e eu*, o círculo de uma memória latejante que demonstra o diálogo do autor consigo mesmo como uma conversa atenta entre antigos conhecidos. O mesmo Luís da Câmara Cascudo, em seu livro-diário *Na ronda do tempo*, escreve que “Gostaria que Deus, duas vezes por ano, espremesse a esponja da minha memória” (CASCUDO, 1998, p. 131).

Ela foi além, virou escritura, tomou forma e respirou o suficiente para detalhar o invisível rememorar lúcido da experiência e consciência humana. Chega, inclusive, a causar uma impressão de que a percepção do homem moderno, através da linguagem literária, consegue transpor a própria dialética recorrente da morte e de seu inevitável renascimento em novas formas. O tempo (passado, presente), o Eu, os outros, as confidências, as proposições, nos labirintos da memória de Luís da Câmara Cascudo.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Feroni Bernardini et al. São Paulo: UNESP / HUCITEC, 1988.
- BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Pietro Neassetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 2. ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal: EDUFRN, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Na ronda do tempo*. Natal: EDUFRN, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira, 1991.
- POUND, Ezra. *A arte da poesia*. Trad. Heloysa Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1991.
- SHAKESPEARE, William. *The complete works*. London: Spring Books, 1970.